

FESTIVAL ESTIDANTIL DE TEATRO – FETO 2015

Crítica do espetáculo Intermitentes ou vai e vem – outubro de 2015

Por Renato Ferracini¹

renato@lumeteatro.com.br

Intermitentes ou vai e vem

Intervenção Urbana, Teatro de Rua, Teatro na Rua, Teatro de Intervenção, Performance de Intervenção, Site Specific, são essas as várias denominações, entre muitas outras, dos eventos e acontecimentos poéticos cênicos realizados em espaços urbanos. E muito provavelmente eu não seria a melhor escolha para falar disso, já que meu foco de atenção de pesquisa não encontra-se nessa área. Certamente o Narciso Telles que aqui está ou mesmo o André Carreira que não está poderiam melhor ajudar a realizar essa análise. Portanto, meu intuito, para alguém de realizar uma análise superficial em uma área cênica que não me aventuro muito em termos teóricos ou intelectivos, será o de levantar questões mais gerais e de fundo que esse tipo de acontecimento nos invoca.

Primeiramente parece-me que a intervenção "Intermitentes ou Vai e Vem" está aqui, nessa análise, em um lugar estranho pois me parece que o que aconteceu ontem não é o que o espetáculo propõe. Essas figuras coloridas mascaradas têm como objetivo deslocamentos mínimos no campo urbano. Eles trabalham mais na relação singular do olho no olho, na ação do um a um ou no máximo na relação da máscara com pequenos grupos locais. As fissuras poéticas que, eles buscam gerar não têm como objetivo a construção de nenhuma narrativa dramática ou cena depuradamente acabada, mas pauta-se na construção da relação em ato, na efemeridade de um acontecimento que se constrói com o acaso da rua, da urbanidade, do encontro. A estranheza das máscaras soltas no espaço amplificam, obviamente, o encontro poético. Querer ver nessas figuras soltas uma lógica de narrativa cênica, um acontecimento poético coletivo, uma proposta cênica acabada é deslocar as figuras do objetivo de sua existência, ao menos nessa proposta. Ontem, nós do FETO, em grande número, acompanhamos essas figuras por todos os lados, fizemos rodas, esperamos acontecimentos que seriam propostos por elas. E ao fazer as rodas em seu entorno, ou ao construirmos uma camada impermeável de película humana, talvez, tenhamos isolado essas figuras da sua principal função: causar o atrito com o cotidiano, relacionarem-se com o um a um (ou pequenos grupos), gerar micro-acontecimentos isolado que buscam nano-fissuras poéticas no espaço.

¹ Renato Ferracini é ator-pesquisador do LUME, professor da pós-graduação em Artes da Cena (UNICAMP) e doutor em Mídias também pela UNICAMP. Atuou como professor convidado na USP, UFPB (especialização), FURB (especialização), Universidade de Évora (Portugal) e Universidade Nova Lisboa (Portugal). Possui quatro livros publicados e é editor chefe da Revista ILINX e possui artigos publicados nos principais periódicos de teatro.

Pergunta: nós, público, em nosso afã de querer ver o que não era para ser visto ou sentido, desmontamos essas possibilidades de acontecimentos microscópicos? Impossibilitamos esse atrito do singular com o cotidiano normatizado? Não sei, talvez tenhamos que discutir abertamente isso. Eu pelo menos gostaria de discutir, não por que sei, mas justamente por que não sei.

Outra questão de fundo que esse espetáculo nos traz. Essa intervenção, guardadas as devidas diferenças enormes de linguagem e propostas, parece tocar algumas performances de Eleonora Fabião, uma delas no qual ela vai a casa de alguém, indicado por uma outra pessoa, para lá cozinhar e conversar com esse “público” dentro de seu próprio espaço cotidiano. Ou a já famosa performance “Conversa-se sobre qualquer assunto” em que Eleonora senta-se com um banco na praça e coloca um cartaz ao lado dizendo justamente “Conversa-se sobre qualquer assunto”. Logo uma enorme fila se forma e ela, com um a um dos espectadores conversa sobre qualquer assunto. O que liga essas três ações, em meu modo de entender, não é, obviamente, nem a proposta poética, nem a linguagem utilizada, mas o objetivo da relação singular em atrito a um cotidiano normatizado e amortecido. As máscaras, assim como Eleonora, buscam fissurar o cotidiano sem pretensões a grandes deslocamentos macroscópicos, mas sim a deslocamentos mínimos ocorridos na construção da relação de um encontro microscópico do artista com aquele público único, unitário, que é gerado no ato do acontecimento proposto.

Talvez essas ações estejam longes do que se costuma dizer de um teatro macro político, que discute e busca gerar senso crítico às grandes questões dialéticas sociais, econômicas e formais das relações com um poder ativo. Também, talvez, esteja distante até mesmo de uma micropolítica, a resposta mais atual a essa macropolítica muitas vezes panfletária e ideológica. Micropolítica essa que se foca na potencialização e voz dos devires minoritários, dos acontecimentos locais, das ações de comunidades, ou seja, dos planos de força microfísicos que geram resistência às capturas contemporâneas da subjetividade e da vida. Estaríamos aqui diante da proposta de uma NANOPOLÍTICA?